

A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL

A “FACTORY OF ANCESTORS” OF “MEN OF WATER”: NATHAN WACHTEL’S INNOVATIVE REFLEXION

Alice Marc¹ (UNISINOS)

Resumo: Este estudo bibliográfico discute a inserção do indígena como sujeito ativo na construção da sua própria historiografia, com base em Wachtel (1990) e Neumann (2005). Para isso, contextualiza brevemente os estudos de Wachtel (1990) sobre os Chipaya, para ressaltar sua concepção de aculturação, debatida, então, sob a perspectiva da comunicação linguística entre indígenas e não indígenas, trazendo a argumentação proposta por Neumann (2005), para o caso dos Guarani. O objetivo é compreender as características e os limites da reflexão historiográfica de Wachtel sobre aculturação para superar a historiografia tradicional sobre os indígenas e a dicotomia aculturação/preservação das tradições imemoriais, nos termos de Martins (2009). O artigo conclui que, apesar dos limites do termo aculturação, em especial para a análise dos fenômenos linguísticos, Wachtel propôs uma reflexão inovadora com sua “fábrica dos ancestrais”, nos termos de Yaya (2016). A nova postura historiográfica de Wachtel supera, pois, a noção de aculturação.

Palavras-chave: Aculturação. Fábrica dos Ancestrais. Historiografia Indígena. Comunicação linguística entre indígenas e não indígenas.

Abstract: *This bibliographic study based on Wachtel (1990) and Neumann (2005) discusses the insertion of indigenous populations as active subjects able to construct their own historiography. For this purpose this article briefly contextualises Wachtel’s research (1990) on the Chipaya to expose his conception of acculturation, which is discussed from a linguistic communication perspective and bringing the argument of Neumann (2005), concerning the Guarani. The aim is to understand the characteristics and the limits of Wachtel’s historiographic reflexion on acculturation, which might enable to overcome traditional historiography on indigenous populations and the dichotomy between acculturation and preservation of immemorial traditions, in the terms of Martins (2009). The conclusion is that, even though the term acculturation offers limitations, especially regarding linguistic phenomena, Wachtel proposed an innovative reflexion, through his “factory of ancestors”, as observed by Yaya (2016). Thus, Wachtel’s new historiographic view overcomes the concept of acculturation.*

Keywords: *Acculturation. Factory of Ancestors. Historiography Indigenous Populations. Linguistic communication between indigenous and non-indigenous populations.*

¹ Doutoranda em História, Linha de Pesquisa Migrações, Territórios e Grupos Étnicos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: alice.marc@terra.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6294-9041>

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

Introdução

O tema deste estudo bibliográfico é a contribuição da reflexão historiográfica de Nathan Wachtel para a atual historiografia sobre os indígenas. Em particular, o assunto tratado é a possibilidade de o indígena ser um sujeito ativo na construção de sua historiografia, nos estudos de Wachtel, na circunstância de seus contatos com os colonizadores.

Sendo assim, este artigo considera duas situações: o contato dos Chipaya com os colonizadores espanhóis, estudado por Wachtel (1990) e a comunicação linguística entre os Guarani² com os missionários, pesquisado por Neumann (2005).

Nestas circunstâncias, e sabendo que a historiografia contemporânea sobre os indígenas busca valorizar o indígena como sujeito ativo na construção de sua historiografia, conforme se verá adiante, elabora-se a hipótese de que o termo “aculturação”, tal como empregado por Wachtel (1990), traria, no âmbito da perspectiva de pesquisa que este desenvolveu, uma inovação que contribuiria para o desenvolvimento da historiografia indígena contemporânea.

Isto posto, o objetivo deste artigo é definir características da reflexão historiográfica de Wachtel que elucidem sua concepção de aculturação, no contexto da historiografia sobre o contato entre populações indígenas do altiplano boliviano e colonizadores espanhóis. Os objetivos específicos são: i) contextualizar brevemente o objeto e a metodologia de estudo de Wachtel para identificar como o conceito de aculturação nele é tratado; ii) analisar como Neumann (2005) discute a concepção de aculturação de Wachtel sob a perspectiva da comunicação linguística entre os Guarani e os missionários e ii) estabelecer relações entre as características principais da historiografia de Wachtel e a historiografia contemporânea.

Para tanto, este artigo organiza-se em três seções, cada uma delas procurando desenvolver cada um dos objetivos específicos propostos.

² Neste artigo, segue-se a convenção firmada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1953, não se levando em consideração, por essa razão, a flexão de gênero e de número. Escreve-se, pois, "os Guarani" e não "os Guaranis".

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

Nathan Wachtel e os “homens das águas”

Nathan Wachtel (1990) percorreu o altiplano boliviano, a terra dos Urus, para descrever a aventura de muitos séculos de “homens das águas”, os Chipaya, “homens fósseis”, ou, ainda, os “únicos Urus que atualmente subsistem”, fazendo referência ao grupo arcaico Uru, dos quais restam cerca de duas mil pessoas distribuídas isoladamente ou em comunidades, como resultado, segundo o autor, de um processo de aculturação.

Wachtel (1990) valoriza o fato de ter tido a oportunidade de questionar “os homens do passado” (WACHTEL, 1990, p.25), que conquistou depois de longos períodos de convivência com os Chipaya de 1973 a 1982, período em que os habitantes ainda respeitavam, em sua maioria, o que denominavam costumes. Nestas circunstâncias, buscou reconstruir a memória dos Chipaya, com base na consciência que este povo tinha de sua identidade e afirmando que o trabalho de campo permitiria observar os costumes e as representações que escapariam da forma escrita dos documentos (WACHTEL, 2001, p.20).

Quanto ao termo “aculturação”, anteriormente mencionado, Wachtel (1990) especifica-o como um processo que não ocorreu somente entre a cultura ocidental e a cultura indígena. Em seus estudos, evidencia que os Urus foram imersos, enquanto “vencidos”, no grupo étnico dominante. Em sua origem, os Chipaya eram os “homens da água”, em oposição aos Aymaras, que eram os “homens secos” (WACHTEL, 2001, p.15). O autor explica, ainda, que o impacto da conquista espanhola propiciou condições para que as culturas nativas, até então heterogêneas, homogeneizassem-se, criando uma “indianidade”. A partir disso, Wachtel (1990) propõe que este mecanismo seja testado como hipótese em outros contextos, como, por exemplo, o mexicano.

Trata-se, pois, de uma pesquisa etnográfica e histórica, em que o discurso histórico utilizou o método regressivo, porque Wachtel percebeu que as informações que havia reunido tornavam-se, por sua vez, históricas. Com efeito, trata-se de reconstituir o devir destes indivíduos, com suas repetições e continuidades, a partir daquilo do passado que permanece vivo no presente (WACHTEL, 2001, p.21). Esta

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

opção do método regressivo não é, entretanto, uma simples projeção mecânica para um passado imutável e abstrato, mas sim a observação do seu funcionamento no tempo, buscando acontecimentos e fatores que contribuíram para sua gênese (WACHTEL, 2001, p.586).

Nesse sentido, o tempo não é linear, na narrativa de Wachtel, e realiza idas e vindas da época colonial até o presente. Um exemplo disso é a forma como o autor descreve intervalos cronológicos em que coexistem Chipayas e Aymaras, em um processo de reestruturação que se inicia com a conquista pelos espanhóis. Este processo foi principalmente conflituoso, os Aymaras tendo sido utilizados, inclusive, para reprimir a revolta Uru em 1632-33. No entanto, a obra explica que sua relação nem sempre foi assim, tendo havido “aculturação interna” por “fusão com o resto da população indígena”, contribuindo para o desaparecimento dos Urus. Ressalta, ainda, que o enfraquecimento da sua identidade étnica ocorreu com ritmos irregulares, de acordo com a migração de outras etnias.

Sobre a preservação da memória Uru, um traço peculiar, observado por Wachtel, mostra que, apesar de a prática espanhola de introdução da religião cristã nas cidades ter provocado adaptações nas crenças ancestrais dos Urus (WACHTEL, 1990, p.526), os lugares sagrados destas populações ainda vinham conseguindo conservar seu poder. Nesse sentido, um exemplo da continuidade entre o tempo pré-cristão e o período colonial é a Virgem de Copacabana, no lago Titicaca. Rompendo com este equilíbrio dinâmico, porém, o crescimento de movimentos evangélicos e pentecostais, na década de 1960, em Chipaya, começou a colocar em perigo as festas, ligadas à memória e à identidade dos Chipaya.

Em outubro de 1989, depois de dezesseis anos de sua primeira visita a Chipaya e sete anos depois de ter saído de lá, Wachtel retornou a Chipaya (WACHTEL, 1996, p.11), a qual, “aparentemente tão pacífica, era cenário de conflitos intermináveis, de ódios ferozes” (Idem, p.81). Construiu nova narrativa em que constatou a influência da modernidade na transformação da religião dos ancestrais, aspecto este que havia sido apontado como tendência anteriormente (WACHTEL, 1990, p.526) e que se acentuou.

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

Ao realizar nova pesquisa de campo, salientou a subjetividade do pesquisador enquanto presença que altera o equilíbrio do corpo social que analisa e que também pode ser manipulado, sendo impossível para o etnólogo ter um olhar puramente objetivo para os fenômenos que observa. Esta tensão da atuação do pesquisador na pesquisa de campo é descrita pelo autor:

Pela escolha dos informantes, pelas amizades que faz, pelas questões que coloca, o etnólogo transforma-se em ator e não pode fugir de um compromisso que lhe é imposto apesar de suas denegações. Não lhe resta outra coisa senão assumir aquilo que ele é para os outros, cuidando para ser apenas aquilo que é: à custa de manobras diplomáticas demasiado sutis, de compromissos demasiado complacentes? (WACHTEL, 1996, p.47)

Portanto o etnólogo, em sua pesquisa de campo, passa a fazer parte da intriga que narra e, inclusive, a modificar seu curso.

O conceito de aculturação no contexto da comunicação

Neumann (2005), no entanto, faz uma ressalva quanto à forma de utilização do termo “aculturação” por Wachtel. Para Neumann (2005), no caso da comunicação, em contexto de contato cultural mediado pelo processo de colonização, o conceito de “aculturação” de Wachtel “não comporta a extrema complexidade dos processos e resultados envolvidos, e deixa de esclarecer, ainda, como os protagonistas se moviam nesses atos comunicativos” (NEUMANN, 2005, p.35). Com efeito, para Neumann (2005), este conceito teria caráter unilateral e, assim, não explicaria as estratégias de apropriação linguística dos nativos, constituindo um posicionamento contrário à historiografia atual, que distingue o indígena como sujeito ativo:

Mesmo que o “encontro” seja concebido, nos termos propostos por Chartier, como “aculturação recíproca”, essa pode ser uma opção problemática, principalmente diante da nova perspectiva presente nos estudos coloniais, valorizando o papel do indígena como sujeito da história, uma vez superado definitivamente o modelo todoroviano de negação do outro, a tese do silêncio. Esta historiografia hispano-americana recusa, inclusive, a possibilidade de um “relato” indígena. Ao se conceber que a “aculturação” é uma condição inerente à própria situação, desconsideramos que as negociações travadas entre os protagonistas e situações reveladoras são exemplos não só do “encontro”, mas também das novas modalidades de comunicação estabelecidas entre colonizador e colonizado. Dessa forma, a

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

valorização do papel do índio como sujeito histórico implica em contemplar a dinâmica dessas negociações. A recepção dos códigos da cultura ocidental por parte das populações indígenas permite avaliar o impacto dessas modificações e as novas modalidades de negociação (cultural), o que se dá obrigatoriamente no interior do contexto social de troca. (NEUMANN, 2005, p.35-36)

Assim, pelo menos no âmbito da comunicação, parece importante ampliar o conceito de “aculturação” para incluir a forma como os indígenas perceberam a cultura com a qual passaram a ter contato, na circunstância da colonização, para se apropriar de técnicas da comunicação que servissem às suas necessidades, conforme salienta Felipe (2016), ao descrever a obra de Neumann (2015):

É o que Eduardo Neumann procura demonstrar em seu livro *Letra de Índios: os Guarani não só aprenderam a escrever – em espanhol e em sua língua nativa –*, como, também, apropriaram-se dos métodos, técnicas e funcionalidades que a escrita possibilita para adaptarem-na às suas necessidades. (FELIPPE, 2016, p.258)

Na verdade, a compreensão das estratégias e dos mecanismos de apropriação linguística das populações nativas oferece nova perspectiva para a compreensão da complexidade das trocas culturais estabelecidas com os colonizadores, contribuindo para o enaltecimento do indígena como sujeito ativo de sua história, coerente com o exposto a seguir:

A nova postura implica, entre outras coisas, em tomar em conta “o ponto de vista dos nativos” na operação de reconstituir os processos históricos que lhes dizem respeito, em atentar para a emergência de novos grupos e identidades e, por fim, em abandonar as compreensões de que os processos históricos coloniais eram marcados pela dicotomia entre a aculturação, a diluição das identidades índias, de um lado, e a luta pela manutenção de tradições imemoriais de outro. Para tanto, ela se nutre de uma série de novas perspectivas teóricas, metodológicas e interdisciplinares que apontam para uma maneira distinta de pensar e escrever a história (MARTINS, 2009, p.162)

De fato, uma maneira diferenciada de se pensar e de se escrever a história indígena deve se contrapor à antiga postura historiográfica, que, por exemplo, silenciava

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

o processo de apropriação da linguagem pelas populações indígenas, como se depreende do exemplo que segue:

A produção historiográfica referente às reduções guaranis, de maneira geral, desconsiderou o fato de que os indígenas catequizados no Paraguai colonial elaboraram registros escritos. Entretanto, esta avaliação deve ser contraposta, por exemplo, ao fato de que os índios das reduções, ao contrário do que se pensa geralmente, sabiam escrever. Em guarani, espanhol e mesmo em latim. A elite letrada missioneira, no século XVIII, escreveu com frequência e, por vezes, com maior desenvoltura do que os colonizadores hispano-americanos. (NEUMANN, 2015, p.28)

Nesse sentido de construir uma nova perspectiva historiográfica valorizando o protagonismo das populações indígenas, Neumann (2005, p.173) menciona Barbara Ganson e reforça a inadequação do termo “aculturação”:

No livro *The Guarani Under Spanish Rule in the Río de la Plata*, a autora procura desfazer a tese da passividade dos índios. Nesse estudo, orientado a partir de aportes da etno-história, Ganson destaca as atitudes de resistência e de oposição indígenas às decisões metropolitanas, concebendo essas reações como parte do processo de “transculturação” dos Guarani, e afastando-se do conceito de aculturação, tão comum aos estudos sobre encontros entre sociedades indígenas e o mundo colonial. (NEUMANN, 2005, p.173)

Na época colonial, no entanto, havia grupos de indivíduos que compreendiam a dimensão do indígena enquanto sujeito ativo na comunicação por seus interlocutores, como se exemplifica a seguir, com os jesuítas missionários. Este aspecto linguístico constitui, inclusive, instrumento de manipulação da memória, como ilustra no caso da evangelização dos Guarani pelos jesuítas:

Ao conceberem uma determinada interpretação do passado, os missionários reforçavam os argumentos antilusitanos que sustentavam as recordações dos indígenas missioneiros. A construção da memória entre os Guarani passava, portanto, por definir seus inimigos, sujeitos indispensáveis para a coesão do grupo. Os jesuítas perceberam a importância e exploraram a persistência dessa “relação de inimizade” com a *gente lusitana*.

Consequentemente, as manifestações de hostilidade que demonstravam os Guarani contra os portugueses foram nutridas e legitimadas pelos próprios missionários, em toda sua ação evangelizadora. (NEUMANN, 2007, p.54)

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

Neste exemplo, portanto, os missionários identificaram o mecanismo de construção da memória dos Guarani, que se constituía a partir da definição do inimigo da população indígena. A partir disso, desenvolveu-se uma dinâmica em que estes missionários procuraram reforçar o papel do colonizador português como inimigo, inserindo-o na memória da população guarani e consolidando seu papel de inimigo nesta memória. Este reforço à hostilidade contra os portugueses era concretizado através do contato de comunicação dos indígenas com obras escritas, missas e sermões, e pela evangelização (NEUMANN, 2007, p. 54).

Este processo de comunicação entre missionários e indígenas ilustra perfeitamente o posicionamento ativo do guarani na recepção e da comunicação, em um processo dinâmico de apropriação e construção de significações e de memória compartilhada com seus pares. Trata-se, realmente, de uma dinâmica que se afasta, de fato, do conceito de “aculturação”, e que merece a atenção da historiografia.

A “fábrica dos ancestrais” de Wachtel

No entanto, distingue-se, no conceito de aculturação de Wachtel (1990), uma perspectiva nova e precursora para o desenvolvimento de uma historiografia indígena renovada. Na verdade, “a noção de aculturação para clarificar os processos de difusão, adaptação e resistência das transferências culturais nos Andes, sob dominação espanhola” (YAYA, 2016, p.2) havia sido revisitada por Wachtel (1990):

Esta problemática chamava, necessariamente, um duplo procedimento metodológico para a análise das fontes textuais: aquele da história econômica, na linha dos trabalhos de John MURRA, mas também aquele da história das mentalidades, em sua versão sociológica elaborada por Marc BLOCH. Este procedimento estava associado à etnologia, em sua abordagem estruturalista. Sobre este último ponto, a influência levi-straussiana foi muitas vezes destacada, mas é igualmente importante de lembrar a contribuição da orientação antropológica da Escola de Leiden à etno-história andinista, principalmente através dos trabalhos de Tom ZUIDEMA. Este último importou dos Andes o quadro analítico dito do « campo de estudos etnológico », que se tornará, mais tarde, “o campo de estudo antropológico”. Esta abordagem descreve o estudo comparativo e diacrônico das constantes e das variações culturais no seio de um conjunto regional previamente identificado como homogêneo. Este instrumento conceitual foi aplicado, em particular, ao estudo dos esquemas de classificação dualista, originalmente no arquipélago indonésio, depois transposto para o terreno andino. Por outro

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

lado, o caráter estruturalista de Leiden transmitiu à etno-história andinista uma atenção à análise dos textos históricos em língua vernácula (e, portanto, para a filologia) (...) (YAYA, 2016, p.2)

Trata-se, pois, de uma “reflexão inovadora sobre a noção de aculturação” (YAYA, 2016, p.2), a qual:

(...) deu-se conta do impacto não somente demográfico, material e institucional da invasão espanhola, mas também, e acima de tudo, de seu impacto naquilo que atualmente chamaríamos o “imaginário andino”, tendo como fio condutor a restituição, na longa duração, das lógicas sociais subjacentes ao desenrolar dos eventos históricos. (YAYA, 2016, p.2)

Esta inovação trazida por Nathan Wachtel tem, segundo Yaya (2016), várias consequências para a historiografia, das quais a autora destaca três.

Assim, em primeiro lugar, desloca-se o olhar para os “vencidos”, descentralizando uma visão eurocêntrica e analisando outras estruturas sociais para compreender, depois, como estas interagiram com a chegada da colonização europeia:

A primeira foi a revisão da dominação espanhola das sociedades dos Andes, na longa duração da história regional. Pareceu que a narrativa da expansão espanhola, centralizada na Europa, deveria ser contrabalançada com o estudo das práticas locais de poder e das formas de pensamento que precederam e, às vezes, favoreceram a implantação de novos colonos e de suas contribuições culturais. (YAYA, 2016, p.3)

A seguir, os atores sociais são reconhecidos em sua pluralidade, isto é, não só o colono é estudado, mas também passa a ser analisada a atitude das populações indígenas, a qual não é mais considerada homogênea, mas sim desdobrada em diferentes populações, com suas características próprias. Este aspecto é muito importante para a questão anteriormente levantada, no presente estudo, sobre a historiografia indígena dever considerar o indígena como sujeito ativo neste processo: as fontes indígenas, por estas próprias populações produzidas, passam a fazer parte da historiografia, como se percebe, a seguir:

Em segundo lugar, reequilibrou o jogo dos atores sociais, destacando a pluralidade das atitudes em situação colonial, tanto as atitudes dos colonos quanto aquelas das populações subordinadas (uma categoria particularmente

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

plural, em si). Logo, esta postura abriu caminho para uma historiografia das fontes indígenas “em paridade”, para empregar uma expressão atualmente consagrada, com os documentos da administração espanhola. A análise cruzada do conjunto destes materiais permitiu, desde então, de destacar, por contraste, redes de interesses concorrentes, formas de historicidade e gêneros narrativos locais que nos permitem, hoje, restituir o quadro sociológico no qual estes escritos foram elaborados. (YAYA, 2016, p.3)

O terceiro aspecto apontado por Yaya (2016), sobre a inovação da historiografia de Wachtel, foi deixar de considerar as interações entre colonizados e colonos como uma relação de pura oposição dialética, para compreender que as práticas sociais, em contato, não se destroem por completo, mas se modificam, se alteram, deixando, ainda, seus traços:

Por fim, uma postura assim redefiniu as dinâmicas de interação em situação colonial, que não foram mais unicamente apreendidas de modo dialético entre resistência ou submissão aos elementos estrangeiros. Emprego o termo “unicamente”, pois não se trata de negar a importância dos movimentos de resistência indígenas. Trata-se de considerar que as perturbações causadas pela conquista militar e política e pela implantação missionária não aniquilaram por completo as formas de pensamento local. Isto significa que as práticas sociais se adaptaram ou foram transportas em novos locais de ação através de processos que ainda devem ser determinados. E que, em resumo, nada, se perde, nada se cria, tudo se transforma (YAYA, 2016, p.3)

Esta assertiva foi, assim, essencial para abrir caminho para a historiografia atual. Ao se abandonar conceitos extremos de destruição absoluta de uma cultura pela outra, foram abertas inúmeras variantes e possibilidades para a escrita desta história indígena, com tantos fenômenos a serem revelados e analisados, considerando-se a especificidade de cada narrativa. Nesse sentido, Wachtel esclarece, ainda, que a relação entre “vencedores” e “vencidos” apresenta diferentes gradações, como segue:

(...) nós não podemos fazer a história dos vencidos sem nos ocupar igualmente dos vencedores. O contexto engloba os dois elementos. Conforme evocado anteriormente, chega um momento em que nós nos perguntamos quem é vencido e quem é o vencedor. Os vencidos permanecem vencidos. Uma questão foi levantada por Thomas [Thomas Calvo], sobre os vencidos dos vencidos. Trata-se de um mergulho no abismo, porque eu também encontrei mais vencidos do que os Chipayas. Trata-se dos Urus do lago Poopo, que não têm nada, nem mesmo terras desérticas. Mas tenho certeza de que o abismo, por definição, não tem fundo (WACHTEL, 2016, p.7)

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

Por fim, a escolha da história regressiva por Wachtel pode ser chamada de “fábrica dos ancestrais”, nos termos de Yaya (2016, p.8), e é adequada para o estudo que aquele pesquisador elaborou, pois:

Atualmente, muitas populações andinas ainda utilizam técnicas complexas de recitação do passado ancestral de sua comunidade, mobilizando elementos da topografia circundante. Compreender, ao mesmo tempo, a persistência e as transformações desta forma de historicidade local pede, pois, um ensaio de história regressiva. (YAYA, 2016, p.8)

Logo, esta escolha metodológica acertada é a história regressiva que vai ao encontro do olhar inovador de Wachtel, que abriu caminho para o protagonismo das populações indígenas, ao valorizar as fontes que produziram, ampliando as fontes historiográficas para além do eurocentrismo.

Considerações finais

Conforme exposto ao longo deste artigo, o termo “aculturação” foi originalmente utilizado em uma concepção de oposição binária entre uma população indígena e os colonizadores europeus. Observa-se, inclusive, que, para a historiografia indígena tradicional, a população indígena sequer era percebida em sua complexidade, com o contato de diversas etnias entre si, e não simplesmente um grupo homogêneo de indivíduos em contato com o europeu. Neste tipo de concepção, a aculturação faz parte de um processo em que os resultados são extremos, associados a termos como aniquilação, destruição e dissolução, por exemplo.

Na verdade, a “fábrica de ancestrais” de Wachtel excedeu o termo aculturação, porque abriu um caminho fundamental para dar voz ao indígena e para se perceber a singularidade de suas populações, também em seus contatos interétnicos. Sob este prisma, Wachtel foi inovador e deslocou a visão eurocêntrica da historiografia para que abrir caminho para que o indígena participasse do processo de construção historiográfica, através, então, das fontes que constituiu.

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

É bem verdade, porém, que, na situação de comunicação linguística, o termo aculturação pode não ser suficiente para que sejam compreendidos os fenômenos de recepção e apropriação pelos indígenas, como salientou Neumann (2005).

Ainda assim, o fato de Wachtel (2016) reconhecer que, apesar de deslocar e concentrar o olhar para os vencidos, não se deve deixar de olhar para os vencedores. Tanto tempo depois das pesquisas suas, realizadas há muitas décadas, demonstra que este pesquisador não se coloca em nenhuma posição extrema, que seria própria do termo aculturação.

Conforme Yaya (2016) apontou, fazendo referência a Lavoisier, “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. Wachtel foi capaz de perceber isso em seu tempo e o faz muito bem atualmente, percebendo que estes processos de interação cultural entre os indivíduos são dinâmicos e variados.

Portanto, a percepção e a sensibilidade de Wachtel, à luz de sua “fábrica dos ancestrais”, foram, na verdade, um importante caminho que, ainda hoje, contribui para a consolidação da historiografia indígena atual.

REFERÊNCIAS

- FELIPPE, Guilherme Galhegos. Neumann, Eduardo Letra de índios: cultura escrita, comunicação e memória indígena nas Reduções do Paraguai. Resenha. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 36, nº 73, 2016.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. As sociedades indígenas, a história e a escola. **Antíteses**, vol. 2, n. 3, jan.-jun. de 2009, p. 153-167.
- NEUMANN, Eduardo. Escrita e memória indígena nas reduções guaranis: século XVIII. **MÉTIS: história & cultura**. v. 6, n. 12, p. 45-64, jul./dez. 2007
- NEUMANN, Eduardo. **Letra de índios**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2015.
- NEUMANN, Eduardo. **Práticas letradas Guarani: produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII)**. Tese. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- WACHTEL, Nathan. **Deuses e vampiros: de volta a Chipaya**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: EdUSP, 1996.
- WACHTEL, Nathan. **El regreso de los antepasados**. Los indios urus de Bolivia, del siglo XX al XVI. Ensayo de historia regresiva. México: El Colegio de México, 2001.

MARC, Alice. A “FÁBRICA DOS ANCESTRAIS” DOS “HOMENS DAS ÁGUAS”: A REFLEXÃO INOVADORA DE NATHAN WACHTEL.

WACHTEL, Nathan. **Le retour des ancêtres**. Les indiens Urus de Bolivie XXe-XVIIe siècles. Essai d’histoire régressive. Paris: Gallimard, 1990.

WACHTEL, Nathan In : BERTRAND, Romain ; WACHTEL, Nathan ; BERGER, Laurent; LEVI, Giovanni; BOUCHERON, Patrick ; CALVO, Thomas. Conclusion et discussion. **Les actes de colloques du musée du quai Branly Jacques Chirac** [online], 2016. Disponível em: journals.openedition.org/actesbranly/738. Acessado em: 02/01/2021.

YAYA, Isabel. De sujets à objets de l’histoire: la métamorphose des ancêtres dans les Andes du XVIIe siècle. **Les actes de colloques du musée du quai Branly Jacques Chirac** [online], 2016. Disponível em : journals.openedition.org/actesbranly/713. Acessado em : 02/01/2021.

Recebido em 17/01/2021

Aprovado em 21/05/2021